COMENTÁRIO SOBRE A PALESTRA “A CARGA DAS DOENÇAS RESPIRATÓRIAS NO BRASIL” POR MARGARETH PRETTI DALCOLMO

Ruy Alberto Kux^a

^a Professor Titular de Clínica Médica e
Habilidades Médicas, Faculdade de Medicina de
Petrópolis – Unifase, Petrópolis, RJ.
E-mail: ruykux@fmpfase.edu.br

Cumprimento os Professores Doutores
Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro e Leila Chi-
melli, assim como todos presentes.

Tenho a máxima satisfação de receber a
Professora Doutora Margareth Dalcolmo e
poder tecer alguns comentários referentes à
sua palestra. “A Carga das Doenças Respira-
tórias no Brasil”.

A Profa Dalcolmo, pneumologista clí-
nica e pesquisadora da Fiocruz, tem inúmeros
livros e trabalhos publicados. É expert em
tuberculose, nacional e internacionalmente
reconhecida e respeitada. É militante
incansável contra esta moléstia desde os
tempos em que era a mais jovem diretora
do Hospital de Curicica de Jacarépaguá. No
momento atual, ela quer, através da rede TB,
promover ações sinérgicas entre a academia,

governo, sociedade civil e setor industrial na-
cional no combate a este flagelo ainda persis-
tente com o lema zero tuberculose em 2035.

Devo citar também a sua militância no
combate ao HIV e ao tabagismo, juntamen-
te com seu mestre Professor Rosemberg.

Confesso que estava curioso em como
a Profa Margareth iria caracterizar o termo
“Carga” à despeito dos excelentes trabalhos
realizados com importante sistematização
epidemiológica e apoio do Banco Mun-
dial em 2013 e 2016 avaliando a Carga ou
“Burden” das doenças e agravos mais comuns
no Mundo e no Brasil abrangendo período
1990 - 2010. Fica perfeitamente esclarecida
a definição de “Carga”, através de sua sobeja
apresentação.

Gostaria de pautar meus comentários
em três aspectos.

Em primeiro lugar, como ainda atuo
como docente da Faculdade de Medicina, na
prática clínica, no internato e na residência
Médica do Hospital Alcides Carneiro em
Correas, assim como no consultório, sinto

o imenso desafio da necessidade do manejo adequado das doenças respiratórias, cujos grandes avanços no conhecimento da fisiopatologia, da anátomo-patologia, através das imagens e dos estudos moleculares, resultaram em inúmeras intervenções terapêuticas muito mais complexas e onerosas. Doenças estas que, com exceção da tuberculose, se manifestam em uma faixa etária bem mais avançada, e isto justamente em uma sociedade em transição epidemiológica e demográfica, com recursos limitados.

Cito o exemplo pontual de um paciente que acompanho que, agora aos 60 anos tem que colocar quatro válvulas endobrônquicas por causa de enfisema pulmonar, ao preço de R\$ 22.000,00, cada uma. Ele as colocará em Porto Alegre onde o custo-benefício em seu plano de saúde é melhor. Vai de transporte aéreo, de cadeira de rodas com oxigênio suplementar, acompanhado por sua esposa. Esta é a sua carga, justamente no momento da sua aposentadoria. Fumou quase a vida toda.

Coloco aqui a visão da árvore, enquanto vimos, com a Profa. Dalcolmo, a visão da floresta.

O segundo tópico que considero crucial é a nossa obrigação pedagógica como docentes em desenvolver e consolidar as competências que nossos graduandos (internos) e pós-graduandos (residentes) devem adquirir e saber exercer, ao completar seus ciclos.

Devo frisar que a nossa Instituição está, exatamente neste momento, imersa em plena reforma curricular. Navegar nesta imensa ressignificação de conceitos clínico-semiológicos, assim como aplicá-los de forma eficaz, com equidade e humanismo, integrando todos os avanços tecnológicos avassaladores, incluindo a inteligência artificial, não é tarefa fácil.

Por último, tenho a dizer que, na minha tentativa de melhor compreender o escopo da palavra “carga” ou “*burden*”, das Doenças Respiratórias, escolhi a Tuberculose.

Ampliei muito a minha visão histórica do seu significado, não apenas na dimensão pecuniária, mas também na perda e redução precoce da qualidade de vida e da produção cultural.

Isto ocorreu quando assisti a excepcional palestra feita por ninguém mais que Margareth Dalcolmo, na Academia Nacional de Letras no Ciclo “Literatura e Medicina”, com o tema “A tísica na literatura: da peste ao lirismo acadêmico” e disponível no YouTube.

Através dos efeitos da tuberculose (sem tratamento, 50% morriam, 25% se curavam espontaneamente e 25% se transformavam em tossidores crônicos), compreendi do ponto de vista longitudinal, na linha do tempo, desde o Brasil Colônia, quantos seres humanos foram e ainda são, precocemente retirados do palco da vida ou submetidos a

importante sofrimento, redução da qualidade de vida e discriminação social tanto quando eram internados nos sanatórios como já com tratamento farmacológico.

Exemplificando um pouco o que aprendi de “Carga” no contexto da tuberculose: Os Índios Brasileiros foram intensamente afetados pela doença, introduzida pelos europeus descobridores, incluindo aí Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, que faleceram da doença e inconscientemente ajudaram a disseminá-la. Um terço dos negros africanos que conseguiam sobreviver à horrenda travessia para o Brasil contraíam a doença – quantos dias de trabalho foram “perdidos”, na época? E ainda na cultura, Olavo Bilac, José de Alencar, Euclides da

Cunha, Graciliano Ramos, vamos incluir aí D Pedro I que faleceu em Portugal – que Carga é essa?

Podemos acrescentar agora nesta estatística os inúmeros pacientes com Câncer de Pulmão e DPOC, consequências da epidemia do tabagismo. Devemos frisar que a sua redução nos últimos anos em nível nacional é uma grande vitória para nossas gerações futuras. Espero que esta redução não seja interrompida.

O meu muito obrigado à Faculdade de Medicina de Petrópolis, à Fiocruz, à Academia Nacional de Medicina, e à Profa. Dalcolmo, Presidente eleita para a Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia (SBPT) para o biênio 2020 - 2022.